



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS**



ALANA PONTES SALVADOR

OS EFEITOS DA CRISE ECONÔMICA SOBRE A FRUTICULTURA JUNDIAIENSE

Limeira
2016



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS**



ALANA PONTES SALVADOR

OS EFEITOS DA CRISE ECONÔMICA SOBRE A FRUTICULTURA JUNDIAIENSE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Gestão de Empresas à Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Luciana Cordeiro de Souza Fernandes

Limeira
2016

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Ciências Aplicadas
Renata Eleuterio da Silva - CRB 8/9281

Sa38e Salvador, Alana Pontes, 1991-
Os efeitos da crise econômica sobre a fruticultura jundiaense / Alana Pontes
Salvador. – Limeira, SP : [s.n.], 2016.

Orientador: Luciana Cordeiro de Souza Fernandes.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas.

1. Crise econômica. 2. Economia. 3. Frutas - Cultivo. 4. Uva - Cultivo. I.
Fernandes, Luciana Cordeiro de Souza, 1966-. II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Ciências Aplicadas. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: The effects of the economic crisis on the fruit market of Jundiaí

Palavras-chave em inglês:

Economic crisis

Economics

Fruit-culture

Grape culture

Titulação: Os efeitos da crise econômica sobre a fruticultura jundiaense

Banca examinadora:

Luciana Cordeiro de Souza Fernandes [Orientador]

Alexandre Martins Fernandes

Data de entrega do trabalho definitivo: 11-07-2016

Autor: Alana Pontes Salvador

Título: Os efeitos da crise econômica sobre a fruticultura jundiáense

Natureza: Trabalho de Conclusão de Curso em Gestão de Empresas

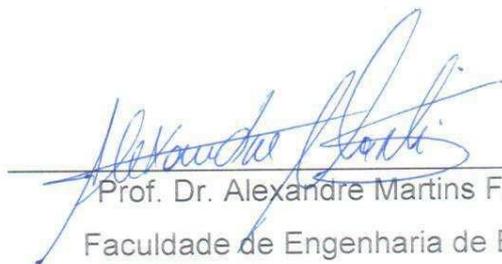
Instituição: Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas

Aprovado em: 11/07/2016

BANCA EXAMINADORA

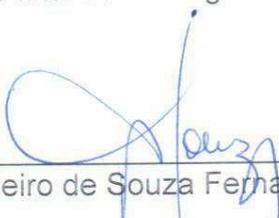


Prof.ª Dr.ª Luciana Cordeiro de Souza Fernandes (Orientadora) – Presidente
Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA-UNICAMP)



Prof. Dr. Alexandre Martins Fernandes (Avaliador)
Faculdade de Engenharia de Bauru (UNESP/Bauru)

Este exemplar corresponde à versão final da monografia aprovada.



Prof.ª Dr.ª Luciana Cordeiro de Souza Fernandes (Orientadora)
Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA/UNICAMP)

SALVADOR, Alana P. Os efeitos da crise econômica sobre a fruticultura jundiaense. Ano 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Gestão de Empresas.) – Faculdade de Ciências Aplicadas. Universidade Estadual de Campinas. Limeira, 2016.

RESUMO

Este trabalho fundamentou-se numa pesquisa qualitativa que teve por objetivo identificar se a crise econômica iniciada em 2014 e ainda presente nos dias atuais teve impacto sobre a fruticultura do município de Jundiaí, especificamente sobre as lavouras de uva da cidade e, em caso afirmativo, entender sua dimensão. Jundiaí foi a microrregião escolhida devido sua localização estratégica dentro do estado de São Paulo e sua importância no cenário nacional deste cultivar que justifica o título de “Terra da Uva”. O método indutivo permitiu-nos, após conversa informal e revisão bibliográfica, entender o contexto das propriedades rurais que cultivam a fruta. Vimos que experiências realizadas pelos agricultores em suas terras e ações da Prefeitura Municipal colaboraram para que o aumento da produtividade e qualidade da uva mitigando a queda nas vendas e lucro dos produtores que poderiam sofrer com os efeitos em cadeia da crise econômica brasileira. O propósito principal foi contribuir para o entendimento acerca das variáveis que culminaram na crise econômica atual no Brasil e as iniciativas que influenciam a produtividade das propriedades rurais.

Palavras-chave: Crise 1. Economia 2. Fruticultura 3. Uva 4. Jundiaí 5. Terra da Uva 6.

SALVADOR, Alana P. The effects of the economic crisis on the fruit market of Jundiaí. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Gestão de Empresas) – Faculdade de Ciências Aplicadas. Universidade Estadual de Campinas. Limeira, 2016.

ABSTRACT

This paper is based on qualitative research which aimed to identify whether the economic crisis that started in 2014, and is still present today, has had any impact on the fruit farming in the municipality of Jundiaí, especially on the grape farming and, in an affirmative case, to understand its impact. Jundiaí is the chosen microregion due to its strategic location in the state and its importance in the national grape cultivation scenario, which justifies the nickname “Land of the grapes”. The inductive method has allowed us, after informal conversations and bibliographic review, to understand the context of the rural properties that grow the fruit. We have seen that experiments carried out by the farmers, combined with actions executed by the local council, have caused an increase in productivity and fruit quality, mitigating the fall in sales and producers’ profit, who might suffer the domino effect of the Brazilian economic crisis. The main purpose is to contribute to the understanding of the variables that culminated in the present economic crisis in Brazil and the initiatives that influence the productivity of rural properties.

Keywords: Crisis 1. Economics 2. Fruit farming 3. Grape 4. Jundiaí 5. Land of the grapes 6.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Taxa de ocupação e desocupação da população brasileira	3
Tabela 2	Pesquisa mensal de emprego (PME) – janeiro de 2016.....	4
Tabela 3	Fatores que influenciam negativamente a avaliação da economia pelas empresas e consumidores (por ordem decrescente do número de citações como um fator relevante)	5

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABAG	Associação Brasileira do Agronegócio
COMTUR	Conselho Municipal de Turismo de Jundiá
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FGV	Fundação Getúlio Vargas
IBRE	Instituto Brasileiro de Economia
OMS	Organização Mundial da Saúde
PEA	População Economicamente Ativa
PIB	Produto Interno Bruto
SEAB	Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. DESENVOLVIMENTO	
2.1 Breve panorama da crise econômica brasileira atual	11
2.1.1 Fatores que alteram o comportamento dos mercados consumidores ...	14
2.2 A fruticultura no Brasil	15
2.3 O turismo rural e o circuito das frutas do interior de São Paulo	17
2.4 O cultivo de uva na região de Jundiaí	19
2.5 Impacto da crise econômica sobre a comercialização de uva na região de Jundiaí	20
3. ESTUDO DE CASO	23
4. CONCLUSÃO.....	25
REFERÊNCIAS	27

1. INTRODUÇÃO

A fruticultura é um setor importante e estratégico para o Brasil devido sua extensão territorial e diferentes climas presentes no território que proporcionam cultivos e colheitas ao longo de todo o ano. Por seu caráter - desde a Colonização - de país agrário exportador de matérias-primas, podemos, a partir desta ótica, assinalar a importância do setor para a manutenção das atividades domésticas do país e para a expectativa de avançar sempre em relação à qualidade de vida da população (ANUÁRIO BRASILEIRO DA FRUTICULTURA, 2015).

A fruticultura, em especial o cultivo da uva, do município de Jundiaí é o foco deste trabalho devido seu conhecido renome neste cultivar perante o cenário nacional e sua localização estratégica dentro do estado de São Paulo. Jundiaí é uma cidade com 401.896 mil habitantes segundo estimativa do IBGE (2015) e localiza-se a 63 quilômetros da cidade de São Paulo, capital do estado, e a 40 quilômetros de Campinas, pólo regional de grande significado. Além disso, passam pela cidade as rodovias Anhanguera e Bandeirantes que estão entre as melhores rodovias do país.

Assim, diante da importância desta cultura no município e sua localização estratégica, pretendemos entender se houve e qual foi o impacto da crise econômica brasileira, que deu seus primeiros sinais em 2014 e se prolonga até os dias atuais, sobre a fruticultura do município visto que esta é predominantemente familiar, segundo tradição dos imigrantes italianos que se estabeleceram na cidade.

Realizamos uma análise bibliográfica e coleta de informações em órgãos públicos e privados de abrangência nacional e da região de Jundiaí relacionados à fruticultura, ao cultivo da Uva e a crise econômica atual, além da participação em eventos como a “Festa da Uva de Jundiaí”. Baseamo-nos também em conversas informais com produtores de Uva para entender o real cenário na visão do agricultor jundiaiense e quais são suas expectativas e necessidades.

Os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa foram a realização de reuniões, revisão bibliográfica e participação em eventos a partir

dos quais, através do método indutivo, buscou-se responder a questão-chave deste trabalho.

No primeiro capítulo fazemos a introdução ao tema e do objetivo definido para pesquisa indicando aos leitores acerca do que será tratado mais adiante. No segundo capítulo, subdividido em cinco partes, analisamos questões importantes e pertinentes ao assunto como o contexto da crise econômica brasileira atual, o panorama da fruticultura no país e na região, e o motivo do título de Jundiaí como Terra da Uva. No terceiro capítulo apresentamos o estudo de caso do agricultor Roberto Losqui, ativo participante das ações da Secretaria de Agricultura municipal, a fim de acrescentarmos dados baseados na experiência do agricultor à pesquisa e entendermos o contexto das lavouras de uva da cidade. E, por fim, no quarto capítulo concluímos este trabalho fazendo importantes considerações baseadas nos dados coletados, conversas informais e revisão bibliográfica, permitindo-nos desenhar uma trajetória que contribua para conclusão concreta da questão levantada nesta pesquisa.

Este trabalho pretende colaborar para a discussão do tema da realidade da fruticultura no município e tem caráter predominantemente qualitativo, recorrendo à linguagem quantitativa apenas quando esta agrega veracidade ao assunto.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Breve panorama da crise econômica brasileira atual

O contexto de crise atual da economia brasileira tem apresentado seus primeiros sinais desde meados de 2014. As projeções para o PIB deste mesmo ano que mostravam provável queda de 0,4% até aumento de 0,4% registraram no balanço final o aumento de apenas 0,1%, sendo o pior índice de Produto Interno Bruto do país desde o recuo de 0,2% apresentado em 2009, pós-crise de 2008. A queda prevista no PIB para 2016 está em 2,7% confirmando a maior e mais longa recessão da história do país (NEUMANN, 2015).

No ano de 2015 houve o aprofundamento deste panorama de desvalorização da economia brasileira influenciado diretamente por um dos piores períodos de instabilidade política dos últimos anos. Os escândalos de corrupção envolvendo o governo e sua principal estatal, a Petrobrás, contribuíram diretamente para a queda do valor de suas ações. Embora esta queda e a acentuada crise política não tenham sido os únicos motivos do aumento do dólar, a bolsa de valores foi atingida fortemente por estes fatores que causaram a desvalorização da moeda interna e o crescimento contínuo da inflação (NEUMANN, 2015).

As projeções para 2016 refletiam o pessimismo do mercado e dos consumidores. Já nos primeiros dois meses do ano pode-se perceber que as previsões estavam corretas, a taxa de desemprego prevista que era de 7% ficou em 7,6% segundo pesquisa realizada pelo IBGE (2016) e como apresentado a seguir na tabela 1:

Tabela 1. Taxa de ocupação e desocupação da população brasileira

TAXA	Estimativas (%)			Comparação mensal		Comparação anual	
	janeiro de 2015	dezembro de 2015	janeiro de 2016	Var (pp)	Situação	Var (pp)	Situação
ATIVIDADE	55,8	55,2	54,8	-0,4	→	-1,0	↓
DESOCUPAÇÃO	5,3	6,9	7,6	0,7	↑	2,3	↑

Fonte: IBGE, 2016

Outro parâmetro que contribui para esta análise é a desaceleração da população ocupada. A PEA (População Economicamente Ativa) manteve-se estável se comparada com dezembro de 2015 e janeiro do mesmo ano. Contudo, a população desocupada cresceu em 42,7% se comparada com o mesmo período do ano anterior. Segundo o IBGE, a taxa de ocupados foi estimada em 23 milhões de pessoas, apresentando declínio de aproximadamente 230 mil pessoas na comparação mensal e 643 mil pessoas na comparação com janeiro de 2015 (IBGE, 2016).

Tabela 2. Pesquisa mensal de emprego (PME) – janeiro de 2016

POPULAÇÃO	% em relação a População em Idade Ativa			Estimativas (mil)	Comparação com dez/15			Comparação com jan/15		
	jan/15	dez/15	jan/16		jan/16	Situação	VAR%	Dif (mil)	Situação	VAR%
EM IDADE ATIVA	100,0%	100,0%	100,0%	45.348	↑	0,3	123	↑	1,4	626
ECONOMICAMENTE ATIVA	55,8%	55,2%	54,8%	24.862	→	-0,3	-84	→	-0,3	-81
OCUPADA	52,8%	51,3%	50,7%	22.983	↓	-1,0	-230	↓	-2,7	-643
DESOCUPADA	2,9%	3,8%	4,1%	1.879	↑	8,4	146	↑	42,7	562
NÃO ECONOMICAMENTE ATIVA	44,2%	44,8%	45,2%	20.486	↑	1,0	207	↑	3,6	707

Fonte: IBGE, 2016

As tabelas 1 e 2 mostram os valores da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) de janeiro de 2016 para o conjunto das seis principais regiões metropolitanas do país: Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre (IBGE, 2016).

A vertente que diz respeito à confiança das empresas e dos consumidores também tem forte influência sobre o cenário de crise, principalmente no que se relaciona a demanda de bens e serviços que flui dos consumidores e a aquisição de equipamentos e o nível de investimento das empresas que tende a reduzir ainda mais (IBGE, 2016).

O cenário atual que contempla um recuo da economia em 2016 se justifica, por exemplo, pela redução do consumo das famílias em 0,6% resultado principalmente do aumento da inflação e do reduzido poder de barganha dos consumidores que tiveram sua renda também reduzida. Outro motivo relevante é a diminuição da formação bruta de capital fixo em 7,2% que levou a contração das importações em 4,6% (IBRE/FGV, 2015).

O grau de incerteza econômica não é reflexo apenas da perda de poder aquisitivo de consumidores e empresas, mas também da crise política. A relação

se dá pelo fato de que parceiros comerciais, investidores e o mercado doméstico não se sentem seguros quanto ao posicionamento do governo e ações que serão tomadas em relação a políticas públicas e investimentos em infraestrutura que dêem perspectiva para que a crise seja superada no curto prazo (NEUMANN, 2015). Os principais fatores de influência negativa quanto à economia são apresentados na tabela 3 a seguir:

Tabela 3. Fatores que influenciam negativamente a avaliação da economia pelas empresas e consumidores (por ordem decrescente do número de citações como um fator relevante)

Para Empresas	Para Consumidores
1º Desempenho geral da economia	1º Inflação
2º Ambiente político	2º Noticiário sobre desempenho geral da economia
3º Dificuldades específicas do setor de atuação	3º Noticiário político
4º Problemas relacionados à paralisação dos caminhoneiros	4º Problemas ou risco no abastecimento de água e/ou energia

* Agregação, por pesos econômicos, dos índices de confiança da Indústria, Serviços, Comércio e Construção. Fonte e elaboração: FGV/IBRE.

Fonte: IBRE/FGV, 2015

Um dos fatores de maior expressão do descontrole do governo e falta de planos efetivos é o crescimento contínuo da inflação que tem como fator essencial a desvalorização da moeda nacional, principalmente em relação ao dólar. O aumento de preços é facilmente reconhecido pela população no consumo de itens essenciais, influenciando as escolhas de compra, inclusive itens de alimentação que passam a ser mais selecionados.

Na contramão da crise, o desempenho do PIB do Agronegócio apresentou crescimento de 2,55% no quarto trimestre de 2015 (ABAG, 2016). A Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG) afirma que o agronegócio foi o único setor da economia que no ano de 2015 teve o PIB positivo. Pretende-se manter esta média no fechamento deste ano, porém, segundo análise realizada pelo Ministério da Agricultura e Pecuária, o setor não conseguirá evitar ou conter os novos recuos do PIB nacional, de forma que as perspectivas para 2017 já não se mostram tão otimistas. Considerando o baixo desempenho da economia prevê-se uma retração dos investimentos e créditos liberados para a área, que tende a perder força no curto e médio prazo.

A crise atual é sistêmica ocasionando uma série de efeitos em cadeia e tendo seu ponto inicial na falta de estrutura político-econômica do país. Os efeitos atingem todos os agentes da cadeia em diferentes proporções.

A demanda de bens e serviços vem diminuindo gradativamente em função da redução da renda *per capita* que tem origem na alta das taxas de desemprego. O nível de desocupação da população é causado pela redução da produtividade das empresas que são obrigadas a reduzir seu quadro de funcionários. Estes, por sua vez, mudam seus hábitos e escolhas de compra para adequar orçamento e planejar-se para conseguirem passar pelo momento econômico calamitoso. Dentro deste ciclo não existe um ponto de autossuficiência que torne possível a melhora do quadro de crise evidenciando que o mercado espera a aprovação de medidas fiscais pelo Congresso Nacional que sejam capazes de apresentar melhores projeções para os próximos meses (NEUMANN, 2015).

2.1.1 Fatores que alteram o comportamento dos mercados consumidores

O fator econômico é uma das principais vertentes que alteram o comportamento de compra dos consumidores. O contexto econômico altera a percepção e senso de otimismo dos consumidores em relação ao mercado afetando diretamente em sua disposição de compra.

Teixeira (2010) diz que os níveis de emprego, salário e disponibilidade de crédito para consumo, assim como a oferta, são meios de expandir ou reduzir o poder de compra, fazendo com que os consumidores adiem ou antecipem suas compras devido ao sentimento de pessimismo ou otimismo, respectivamente.

Além da vertente econômica, Teixeira (2010) indica como fatores que também influenciam na decisão de compra os fatores culturais visto que as crenças, costumes, hábitos e comportamento dos consumidores são aprendidos e perpetuados no âmbito familiar e social; e fatores pessoais como idade, personalidade, estilo de vida, circunstâncias econômicas dos indivíduos também alteram suas escolhas de consumo.

Em Moratoya et al. (2013) há ainda o estudo que separou o consumo de alimentos de acordo com a renda em cinco estágios. Os estágios onde houve aumento do consumo de frutas foram o terceiro e quinto estágio. No terceiro estágio os indivíduos consumiam alimentos ricos em amido, uma maior quantidade de frutas e verduras e proteína animal. Neste estágio foi observado que houve diminuição de doenças, redução da taxa de mortalidade e aumento do número de idosos devido incrementos na renda. E no quinto estágio obteve-se a compreensão de que os alimentos consumidos eram gorduras de melhor valor, tendo diminuído os carboidratos e refrigerantes, aumentado o consumo de grãos integrais e frutas e verduras. Aqui foi observado o contexto de mecanização dos serviços, predominância da robotização e redução significativa dos custos associados ao preparo e produção dos alimentos o que diminuí seu custo final ao consumidor.

Considerando fatores econômicos atuais e o que foi descrito em Moratoya et al (2010) juntamente com a existência de um potencial de consumo de uva para as classes de renda mais baixa no Brasil, constata-se que aumentos reais e uma melhor distribuição de renda, associados a uma estratégia de promoção e redução de preços junto ao consumidor (ANUÁRIO BRASILEIRO DA FRUTICULTURA, 2015) influenciará fortemente nas taxas de consumo da fruta.

Segundo o que foi apresentado acima e tendo a renda como fator comum a todas as pesquisas pudemos perceber a forte influência desta na decisão de compra do consumidor e, mais ainda, no consumo de frutas. No panorama da crise atual, onde a renda das famílias cai drasticamente devido ao desemprego principalmente, o consumidor selecionará itens prioritários dentro de sua lista de compras e alterará hábitos de consumo (NEUMANN, 2015). Ainda dentro destes itens, fará mais pesquisas de preço e diferenciação das marcas pela confiabilidade, qualidade e preço.

2.2 A fruticultura no Brasil

O Brasil é o terceiro maior produtor de frutas do mundo. Junto com China e Índia, o montante corresponde a 43,6% da produção mundial. Somente no ano de

2011 foram colhidas no país 45,1 milhões de toneladas de frutas, 7,1% superior à colheita do ano anterior. Já no ranking de plantios, a uva ocupa o quinto lugar com 67,1 milhões de toneladas produzidas (SEAB/PR, 2012). Em 2014 houve o aumento de 1,64% na produção nacional de uvas, sendo que pouco mais da metade da produção foi destinada ao consumo *in natura* e o restante para processamento (MELLO, 2015).

Podemos destacar três motivos principais pelos quais o setor contribui de maneira significativa para o crescimento da economia. Primeiro, é importante fonte de alimentação devido à sua riqueza nutricional. O consumo recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) é de 100 quilogramas de frutas por habitante ao ano, mas de acordo com o último levantamento sobre aquisição domiciliar de frutas o consumo atual é de apenas 33 quilos por habitante por ano conforme Anuário Brasileiro da Fruticultura (2015), que nos mostra um potencial a ser explorado e mudanças de hábito a serem inseridos na realidade da população, além de políticas públicas que viabilizem maior acesso por parte da população de baixa renda. Segundo, é gerador de empregos, cada hectare plantado com fruticultura emprega em média dois trabalhadores de forma direta. Hoje há em torno de 2,5 milhões de hectares plantados chegando a 5 milhões de empregos diretos (ALMEIDA, 2008). Terceiro, é também gerador de divisas, porque levantamentos mostram que em 2011 o Brasil teve rendimento de US\$ 634,5 milhões com a exportação de 682 mil toneladas de frutas frescas (SEAB/PR, 2012).

Mesmo com números vultosos de exportação, em comparação aos valores totais de produção os números ainda são tímidos. Almeida (2008) nos explica:

O mercado interno é, e continuará sendo, o principal destino da produção nacional de frutas, o que é natural se considerarmos a demanda da população brasileira, em que pese o consumo per capita ainda seja muito baixo. Ao mercado externo são destinados menos de 3% da produção de frutas frescas, tendo como principais destinos o mercado europeu e norte-americano. Mas é bom que fique claro que as exportações não são constituídas pelo excedente da produção interna. Ao contrário do que muitos pensam, consegue exportar aquele produtor que tem tecnologia

adequada de produção, custos competitivos, qualidade de fruto, variedades adequadas, capital, logística e acesso aos distribuidores, o que, infelizmente, apenas uma pequena parcela dos nossos produtores de frutas consegue atender (ALMEIDA 2008).

Vemos, portanto, que o baixo percentual nas exportações não é somente devido a absorção da produção de frutas pelo mercado interno como também a falta de estrutura, barreiras fitossanitárias e tarifárias. O contexto jundiaense do mercado de frutas não é diferente. Contudo, a agricultura familiar - responsável pela produção de frutas no município – não deve ser classificada como um modo retrógrado de fruticultura porque, entre outros fatores, possibilita a implantação de métodos de plantio e cultivo adquiridos através da experimentação dos agricultores, gera conhecimento e qualidade de vida para moradores da zona rural e urbana (MULLER, 2015).

2.3 O turismo rural e o circuito das frutas do interior de São Paulo

A zona rural, principalmente as propriedades mais tradicionais, dentro do processo de intensificação da globalização e modernização da agricultura, vem enfrentando problemas devido à desagregação das formas tradicionais de articulação da produção e desvalorização frente a outras atividades levando à busca de outras fontes de renda que garantam a dinamização econômica dos territórios rurais. Em contrapartida, vem sendo redescoberta a importância ambiental e o valor da manutenção da paisagem rural para preservação de rios, fauna e flora como elementos essenciais para o ser humano (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010) e considerando a riqueza das culturas rurais locais e do maior contato entre homem e natureza.

O Ministério do Turismo categoriza o Turismo Rural como sendo

Todas as atividades praticadas no meio não urbano, que consiste de atividades de lazer no meio rural em várias modalidades

definidas com base na oferta: Turismo Rural, Turismo Ecológico ou Ecoturismo, Turismo de Aventura, Turismo de Negócios e Eventos, Turismo de Saúde, Turismo Cultural, Turismo Esportivo, atividades estas que se complementam ou não (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010).

Para que o turismo seja de fato um fator de desenvolvimento e esta prática não cresça de forma desordenada, o Ministério do Turismo lançou em 2010 o “Livreto do Turismo Rural” com algumas orientações básicas e importantes que podem auxiliar neste sentido.

Neste contexto e com este mesmo intuito, surge o chamado “Circuito das Frutas do interior de São Paulo” que é composto por 10 municípios: Atibaia, Indaiatuba, Itatiba, Itupeva, Jarinu, Jundiaí, Louveira, Morungaba, Valinhos e Vinhedo, em razão do destaque destas cidades em diferentes cultivares. Em Jundiaí os principais cultivos são uva e o morango, mas existem ainda outros cultivares no circuito das frutas como caqui, ameixa e figo. Visto que estas cidades têm riquezas naturais e históricas de reconhecimento nacional, nasce no final da década de 1990 a Associação de Turismo Rural do Circuito das Frutas para imprimir caráter fidedigno frente à população e demais organizações e com o objetivo de criar uma fonte de renda alternativa a zona rural fazendo nascer o turismo rural (ASSOCIAÇÃO DO CIRCUITO DAS FRUTAS, 2016).

A união de vários proprietários rurais com o objetivo de profissionalizar e organizar o turismo rural culminou na Associação de Turismo Rural que deseja, através de seus trabalhos, agregar valor as propriedades rurais, aos proprietários e aos produtos provenientes do meio rural mantendo seu dinamismo. No turismo rural os visitantes conhecem as propriedades cadastradas sendo possível o acesso às plantações das propriedades, há degustação de frutas *in natura* e produtos artesanais como vinhos, sucos, geleias, cachaças, biscoitos e doces variados. Além disto, os proprietários que recebem os turistas contextualizam e contam a história de suas plantações e propriedades (ASSOCIAÇÃO DO CIRCUITO DAS FRUTAS, 2016).

O turismo rural não surge na região de Jundiaí como uma resposta ao momento de crise pelo qual vem passando o país - visto que a prática acontece desde a década de 1990 na região – mas configura-se ainda, como na época do

seu surgimento, como uma alternativa eficiente que ajudará os produtores a manterem suas lavouras em pleno funcionamento e aumentando suas receitas, aponta a Associação do Circuito das Frutas (2016).

2.4 O cultivo de uva na região de Jundiaí

Historicamente, temos que a partir da segunda metade do século XIX a produção cafeeira ganhou força e promoveu o crescimento da cidade com a vinda da ferrovia e das indústrias. A uva chegou a este território através dos imigrantes italianos que vinham trabalhar nas lavouras de café da região. Na época a cidade apresentava condições favoráveis ao trabalho nas lavouras cafeeiras e forte desenvolvimento econômico. Além disso, a uva era um item sempre presente nas mesas italianas e visando estabelecer uma relação de familiaridade com o novo local, a uva acompanhou os imigrantes até a cidade (PREFEITURA DE JUNDIAÍ, 2016a).

A região de Jundiaí teve grande contingente de imigrantes italianos estabelecendo-se na cidade e, por isto, até hoje, é possível verificar a forte influência das tradições e cultura italiana formando a identidade de vários bairros e da própria cidade. O cultivo da uva para comércio ganha grande fôlego em 1933 após a descoberta de uma mutação genética somática espontânea ocorrida numa das lavouras de Jundiaí e que deu a esta o título de “Terra da Uva”. A mutação ocorreu na uva niágara branca de origem americana e deu origem a “niágara rosada”. A uva niágara é o tipo de uva predominante nas plantações jundiaíenses e sua colheita ocorre entre os meses de dezembro e fevereiro (PREFEITURA DE JUNDIAÍ, 2016b).

Em 1934, após a descoberta da mutação e o *boom* do reconhecimento do cultivo da uva na cidade, ocorreu a primeira edição da Festa da Uva de Jundiaí onde estiveram presentes mais de 100 mil visitantes (COMTUR, 2016).

O Conselho Municipal de Turismo de Jundiaí (COMTUR, 2016) afirma que atualmente existem mais de 1.500 propriedades rurais no município sendo que 10% destas propriedades produzem apenas uva. Através de mais de 500

viticultores e cerca de 10 milhões de pés da fruta, a cidade é responsável por 30% da uva cultivada no estado de São Paulo.

A representatividade do cultivo mostra-se nas quantidades produzidas da fruta anualmente. A safra convencional, realizada de dezembro a fevereiro, foi estimada entre 25 a 27 mil toneladas de uva para 2016 (PREFEITURA DE JUNDIAÍ, 2016b).

2.5 Impacto da crise econômica sobre a comercialização de uva na região de Jundiaí

A Secretaria Municipal de Agricultura, Abastecimento e Turismo de Jundiaí, juntamente com os agricultores, busca sempre aprimorar suas formas tradicionais de articulação da produção a fim de agregar valor aos seus produtos e tornarem os produtores e suas propriedades rurais menos suscetíveis às mudanças de mercado e crises na economia, também ao avanço do perímetro urbano sobre a zona rural (PREFEITURA DE JUNDIAÍ, 2016b). Tais projetos, que serão apresentados abaixo, concatenam de maneira mais eficiente e menos custosa produtores e consumidores.

O projeto municipal “Produtores na Praça” libera licenças temporárias (sazonais) ou definitivas para que os agricultores montem pontos de venda pela cidade para que possam fornecer frutas diretamente ao consumidor final. A venda direta proporciona maior margem de lucro aos produtores e menor custo ao consumidor final, além de melhor qualidade das frutas que vêm diretamente das plantações para os pontos de venda. Notou-se que nas épocas de colheita da uva é expedido maior número de licenças temporárias para venda da fruta. Este aumento chega a 50% dos pontos de venda em relação aos meses em que não há colheita da uva (SECRETARIA DA AGRICULTURA E ABASTECIMENTO, 2016).

No sentido de combater o *boom* imobiliário e preservar este patrimônio cultural rural existente em Jundiaí, encontra-se em trâmite junto a Câmara Municipal está o Plano Diretor Participativo. Com mais de 130 mil novas unidades

de imóveis aprovados para construção, a zona rural e a Serra do Japi sofrem cada vez mais com o avanço das construções e o *boom* imobiliário que a cidade vem apresentando nos últimos anos. O Plano Diretor Participativo vem na contramão desta realidade para preservar ambos os espaços que são considerados sinônimos de qualidade de vida. Este mesmo Plano levantou a situação dos diversos rios que existem no município e prevê leis para manutenção daqueles que estão em “ótimo estado” e recuperação daqueles que foram classificados como “precisam de atenção” ou “sem produção” (PLANO DIRETOR, 2016). A provável escassez da água devido mau uso e desperdício inviabilizaria a produção agrícola.

Outra iniciativa que reúne em um mesmo ambiente tanto consumidor quanto produtor é a Festa da Uva de Jundiá. A festa teve sua 33ª edição no ano de 2016 e contou com espaço para divulgação e vendas da fruta, degustação de vinho, praça de alimentação com comidas típicas das festas da região, atrações musicais e exposição de tratores. O público do evento foi de cerca de 170 mil pessoas. O ambiente familiar propicia uma aproximação entre os agricultores e seu mercado consumidor além de facilitar a divulgação das frutas e das propriedades, estimulando o turismo rural (PREFEITURA DE JUNDIAÍ, 2016a).

Igualmente, verificamos que há outras festas típicas em comemoração a colheita da uva nos bairros de colonização italiana como, por exemplo, as festas do Caxambu e da Colônia. No bairro Caxambu a tradicional Festa da Uva comemorou 82 anos e do Vinho artesanal 15 anos em janeiro de 2016. No bairro da Colônia a Festa italiana comemorou 29 anos em maio último (2016).

Vemos, portanto, que uma série de políticas públicas realizadas pelos órgãos competentes do município com a participação dos produtores rurais visam mitigar os efeitos e impactos negativos gerados pelas crises econômicas e fenômenos naturais. A atuação de instituições de pesquisa como o Instituto Agrônomo (IAC) também se torna grande aliado na otimização dos recursos e ferramentas de produção rurais. Agrônomos e agricultores têm trabalhado em parceria no acompanhamento de técnicas voltadas para aumento de produtividade e em debates que dão rumo ao Plano Diretor e insere a realidade rural a toda conjuntura municipal (BUCCIANO, 2014).

A crise econômica atual, embora tenha impacto em toda a realidade do município como pode ser observado com a saída de algumas empresas do

Distrito Industrial, a queda de investimentos nos setores e a alta na taxa de desemprego, segundo os produtores rurais não teve a mesma aparência em relação ao contexto industrial visto seu empenho na descoberta de ferramentas para aumentar produtividade e qualidade das frutas, buscando parcerias e integração com demais elementos da cadeia produtiva, conforme os relatos dos mesmos.

3. ESTUDO DE CASO

Neste tópico apresentaremos o estudo de um caso de êxito do senhor Antonio Roberto Losqui, agricultor jundiáense e presidente do Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural. Sua propriedade está localizada no bairro dos Fernandes, em Jundiá, interior do estado de São Paulo.

O agricultor desenvolve suas atividades e experiências em sua propriedade que pertence à família Losqui há muitas gerações. Além de trabalhar na propriedade, participa ativamente das iniciativas da Secretaria Municipal de Agricultura, Abastecimento e Turismo sendo importante colaborador das ações voltadas à agricultura.

Em sua propriedade de aproximadamente sete hectares o produtor rural implantou, entre outras formas de otimização das suas ferramentas de cultivo e colheita, a alternância de cultivar para manter as plantações sempre em produção e o uso de grama e capim para cobertura morta.

A cobertura morta orgânica é uma técnica usada há bastante tempo. Esta técnica consiste em conservar a umidade do solo, alimentando as plantas, minhocas, micróbios e outras espécies de vida no solo. A decomposição decorrente da atividade destas variadas formas de vida adere partículas benéficas ao solo retendo água e os gases necessários, tornando o solo fértil e mais propício ao cultivo (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2016).

A inovação inserida pelo agricultor está relacionada à captação do capim e da grama retirados dos jardins e estradas vicinais da cidade. O material orgânico que antes era descartado no lixão da cidade agora é encaminhado à propriedade de Roberto Losqui que providencia sua correta colocação sobre o solo e, posteriormente, a manutenção do mesmo. Os caminhões fazem cerca de 700 viagens por ano recolhendo o material e levando até a propriedade (BUCCIANO, 2014).

A cobertura do solo antes era feita com bagaço de cana comprado pelo proprietário. Atualmente o único gasto apontado é para espalhar o capim pela propriedade. Roberto Losqui estima uma economia em torno de 70% a 80% se comparado ao período em que adquiria e utilizava o bagaço de cana (BUCCIANO, 2014)

Além da economia dos custos de produção, esta técnica de cultivo absorve grande parte do calor do ambiente tornando a fruta menos exposta ao mesmo. O professor Afonso Peche Filho do Instituto Agrônomo (IAC) acompanhou a implantação da técnica e afirma que a diferença de temperatura para propriedades que utilizam o sistema e as que não possuem a cobertura morta pode chegar a 15°C a menos. Esta mudança propiciou maior vigor às frutas, o que deve refletir na qualidade do produto (BUCCIANO, 2014).

Com o solo sempre fertilizado, o agricultor realiza com mais segurança podas em diferentes períodos numa mesma parreira, proporcionando colheita até mesmo em épocas fora de safra, entre novembro e junho. Além disso, em cada pé de parreira se colhe em torno de 15 quilogramas de uva, valor considerado como 'superprodução'(BUCCIANO, 2014).

O agricultor Roberto Losqui, dono de somente seis mil pés de uva, reconhece a importância dessa técnica para os pequenos produtores rurais visto que esta permite que tenham fruta em épocas diferente da safra, conseguindo melhor rendimento e reduzindo o gasto já que o mesmo insumo é usado para as duas safras. É necessário que o produtor consiga melhor rendimento com a terra que possui. Para isso, técnicas inovadoras garantem maior produção e trazem melhor rendimento (MULLER, 2015).

As medidas que aumentam a produtividade e diminuem os custos de produção bem como o caráter alimentício das frutas e o turismo rural auxiliam na manutenção do lucro obtido com a atividade que é herança familiar.

O município é visto como um ponto fora da curva negativa do estado (MULLER, 2016) mesmo tendo sofrido com o fechamento de cerca de dois mil postos de trabalho e com a possibilidade do fechamento de importantes empresas do parque industrial, as experiências e inserções feitas por Roberto Losqui reforçam a importância da integração da zona rural e da zona urbana, sendo ímpar a relevância da discussão deste assunto para que se chegue a melhorias efetivas no meio rural garantindo qualidade de vida a todo município.

4. CONCLUSÃO

Como vimos o objetivo principal deste trabalho era responder se houve e qual seria o impacto da crise econômica do Brasil sobre a fruticultura de Jundiaí e região. Percebemos que os efeitos da crise sobre a dinâmica do município são inegáveis visto as taxas de desemprego e fechamento de indústrias do parque industrial nos últimos meses, mas se tratando da fruticultura a contrapartida de investimentos em novas técnicas de cultivo e no turismo rural possibilitam a manutenção das atividades rurais e atenuam os efeitos da crise econômica nacional mantendo as propriedades em pleno funcionamento. Faz-se necessário retomarmos alguns pontos importantes já tratados acima que ratificam esta conclusão.

Uma das vertentes da crise econômica e uma das mais preocupantes consequências desta é a diminuição da renda. Devido baixa confiança política e econômica no governo da presidente Dilma Rousseff, por parte do mercado externo, interno e empresas o nível de investimento das mesmas diminuiu e houve retração no consumo das famílias. O nível de desemprego é um dos mais altos já vistos na história do país. A diminuição da renda influencia nas decisões de consumo das famílias afetando as cadeias produtivas, sobretudo aqueles produtos que têm substitutos mais baratos. O consumo de frutas, por exemplo, fica de lado frente à compra de outros itens de cesta básica considerados mais importantes.

A fruticultura tem papel importante na economia nacional principalmente quanto ao seu nível de empregabilidade e valores de exportação. Sendo Jundiaí uma cidade composta por mais de 500 propriedades rurais onde se pratica a agricultura familiar e tendo localização e importância estratégica dentro do cenário nacional, percebemos a importância das políticas públicas municipais praticadas neste município. Conhecida como Terra da Uva, a Prefeitura Municipal de Jundiaí tem sempre o desafio de fomentar práticas que beneficiem e mantenham a zona rural em pleno funcionamento. Neste contexto, o agricultor Roberto Losqui, sempre envolvido com as ações da Secretaria de Agricultura, Abastecimento e Turismo, apresenta o êxito das medidas implementadas em sua propriedade.

A revisão bibliográfica, as conversas informais com agricultores e a participação em eventos voltados à divulgação da fruticultura deram a percepção de um cenário indiscutível de crise no município, mas ainda com índices otimistas frente a outras cidades do estado de São Paulo e a importância dos aperfeiçoamentos nas cultivares das propriedades rurais que trouxeram maior produtividade às lavouras. Este aumento na produtividade e safras em períodos atípicos fez com que os efeitos da crise fossem mitigados, conforme afirmaram os produtores. Foi possível perceber também que políticas públicas e a participação ativa dos agricultores nas decisões municipais são fatores-chave para manter este setor em pleno funcionamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, C. O. **Fruticultura brasileira em análise**, 05 de julho de 2008. EMBRAPA. Disponível em <http://www.cnpmf.embrapa.br/newsletter/ler_materia.php?codnoticia=110&codeticao=21>. Acesso em 09 de jun de 2016.

ANUÁRIO BRASILEIRO DA FRUTICULTURA 2015. Rio Grande do Sul: Editora Gazeta Santa Cruz, 2015. Anual. Disponível em: <http://www.grupogaz.com.br/tratadas/eo_edicao/4/2015/03/20150301_106c8c2f1/pdf/4718_2015fruticultura.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2016.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO AGRONEGÓCIO (ABAG). **Produto Interno Bruto (PIB) em valores correntes - Brasil - Em R\$ Milhões**. 2016. Disponível em: <<http://www.abag.com.br/indicadores/index/1>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

ASSOCIAÇÃO CIRCUITO DAS FRUTAS. **Circuito das Frutas**. 2016. Disponível em: <<http://www.circuitodasfrutas.com.br/>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

BUCCIANO, Beatriz. **Agricultor de São Paulo recicla capim e grama da cidade como cobertura morta na lavoura**. Canal rural.2014. Disponível em: <<http://www.canalrural.com.br/noticias/agricultura/agricultor-sao-paulo-recicla-capim-grama-cidade-como-cobertura-morta-lavoura-7545>>. Acesso em: 01 abr. 2016.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Distrito Federal, Brasília. **O que é cobertura morta?** Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/responsabilidade-social/ecocamara/areas-tematicas/areas-verdes/cobertura-morta>>. Acesso em: 07 jul. 2016.

CONSELHO MUNICIPAL DE TURISMO DE JUNDIAÍ (COMTUR). **Turismo Jundiaí**. 2016. Disponível em: <<http://turismo.jundiai.sp.gov.br/>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA (São Paulo). IBRE/FGV. **Medidas Duras Reduzem Incerteza, Mas Consolida-se Perspectiva de Recessão em 2015.** 2015. Disponível em: <<http://portalibre.fgv.br/main.jsp?lumPagelId=4028818B3BDE4A56013C071D12034B4B&contentId=8A7C82C54ADE6252014CE2FE2753239D>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **CIDADES.** 2015. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=352590>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Mensal de Emprego: Janeiro 2016.** 2016. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Mensal_de_Emprego/fasciculo_indicadores_ibge/2016/pme_201601pubCompleta.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2016.

MELLO, Loiva Maria Ribeiro de (EMBRAPA). **Vitivinicultura Brasileira: Panorama 2014.** 2015. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/uva-e-vinho/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1025934/vitivinicultura-brasileira-panorama-2014>>. Acesso em: 03 maio 2016.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Turismo rural: orientações básicas.** Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. – 2.ed – Brasília: Ministério do Turismo, 2010.68p. ; 24 cm.

MORATOYA, Elsie Estela et al. Mudanças no padrão de consumo alimentar no Brasil e no mundo. **Revista de Política Agrícola**, Goiás, v. 1, n. 12, p.72-84, mar. 2013. Trimestral

MULLER, Luciana. **Falta de confiança agrava crise e Jundiá fecha 2.250 vagas.** 2016. Disponível em: <<http://jj.com.br/internas/difusora/noticias-6242-falta-de-confianca-agrava-crise-e-jundiai-fecha-2250-vagas>>. Acesso em: 01 jun. 2016.

MULLER, Luciana. **Técnicas ajudam a manter cultivo de uva**. 2015. Disponível em: <<http://www.jj.com.br/noticias-11659-tecnicas-ajudam-a-manter-cultivo-de-uva>>. Acesso em: 17 abr. 2016.

NEUMANN, Denise. **Choques, risco fiscal e crise política fazem inflação subir apesar da recessão maior**. 2015. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/especial/projecoes>>. Acesso em: 09 jun. 2016.

PLANO DIRETOR. **Plano Diretor Participativo**. 2016. Disponível em: <<http://planodiretor.jundiai.sp.gov.br/>>. Acesso em: 03 mar. 2016.

PREFEITURA DE JUNDIAÍ (a). **Festa da Uva**. 2016. Disponível em: <<http://festadauva.jundiai.sp.gov.br/>>. Acesso em: 17 abr. 2016.

PREFEITURA DE JUNDIAÍ (b). **Segunda safra de Niagara Rosada reforça Jundiaí como Terra da Uva**. 2016. Disponível em: <<http://www.jundiai.sp.gov.br/noticias/2016/05/31/segunda-safra-de-niagara-rosada-reforca-jundiai-como-terra-da-uva/>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

SECRETARIA DE AGRICULTURA, ABASTECIMENTO E TURISMO DE JUNDIAÍ. 2016. Disponível em: <<http://www.jundiai.sp.gov.br/agricultura-e-abastecimento/>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

SECRETARIA DE ESTADO DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO (SEAB). **Fruticultura - Análise da Conjuntura Agropecuária**. 2012. Disponível em: <http://www.agricultura.pr.gov.br/arquivos/File/deral/Prognosticos/fruticultura_2012_13.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2016.

TEIXEIRA, José Carlos Inocente. **Fatores que influenciam o comportamento do consumidor**. 2010. 39 f. Monografia (Especialização) - Curso de Gestão Estratégica de Vendas e Negociação, Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2010. Cap. 4.